

# CONVERGÊNCIAS EMANCIPATÓRIAS: MAPEANDO EXPERIÊNCIAS ENTRE EDUCAÇÃO CRÍTICA E PRODUÇÃO COLETIVA

## EMANCIPATORY CONVERGENCES: MAPPING EXPERIENCES BETWEEN CRITICAL EDUCATION AND COLLECTIVE PRODUCTION

Almir Lima do Mar<sup>1</sup>

Roberta de Fátima Rodrigues Coelho<sup>2</sup>

Antônio Jorge Paraense da Paixão<sup>3</sup>

Adebaro Alves dos Reis<sup>4</sup>

Maria José de Souza Barbosa<sup>5</sup>

Área Temática 06: Cooperativismo, Economia Solidária e Gestão de Empreendimentos  
Modalidade: Artigo Científico

### Resumo

A crise socioambiental contemporânea tem exigido respostas que articulem sustentabilidade, justiça social e práticas pedagógicas transformadoras. A Educação Ambiental (EA) crítica propõe a formação de sujeitos conscientes e engajados na transformação da realidade, enquanto a Economia Solidária (ES) se organiza em torno da cooperação, autogestão e solidariedade, oferecendo alternativas econômicas ao modelo capitalista. A interface entre esses campos potencializa práticas educativas voltadas à emancipação e à reorganização comunitária. Assim, este artigo tem como objetivo mapear e sistematizar, por meio de uma revisão de literatura, as experiências que integram os princípios da Educação Ambiental (EA) com práticas de Economia Solidária (ES), destacando os atores sociais envolvidos e os territórios onde se desenvolvem essas ações. A maioria das práticas é orientada por uma pedagogia crítica e emancipatória, ainda que em contextos marcados por desafios institucionais e estruturais. Conclui-se que a articulação entre EA e ES oferece caminhos viáveis para práticas educativas mais integradoras, capazes de promover inclusão social, sustentabilidade e fortalecimento comunitário. No entanto, a literatura carece de sistematizações amplas e aprofundamentos teóricos que explorem com mais consistência essa interface. Este artigo contribui para evidenciar a importância de compreender os sujeitos e os territórios envolvidos nessas práticas como elementos centrais na construção de alternativas ao modelo de desenvolvimento vigente.

**Palavras-Chave:** Educação ambiental, Economia solidária, Práticas comunitárias, Autogestão, Justiça socioambiental

<sup>1</sup> Universidade Federal Rural da Amazônia; almir.mar@ufra.edu.br

<sup>2</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA; roberta.coelho@ifpa.edu.br

<sup>3</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA; antonio.paraense@ifpa.edu.br

<sup>4</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA; adebaro.reis@ifpa.edu.br

<sup>5</sup> Universidade Federal do Pará; mjsb.ufpa@gmail.com

## Abstract

The contemporary socio-environmental crisis has required responses that combine sustainability, social justice and transformative pedagogical practices. Critical Environmental Education (EE) proposes the formation of conscious individuals engaged in the transformation of reality, while the Solidarity Economy (SE) is organized around cooperation, self-management and solidarity, offering economic alternatives to the capitalist model. The interface between these fields enhances educational practices aimed at emancipation and community reorganization. Thus, this article aims to map and systematize, through a literature review, the experiences that integrate the principles of Environmental Education (EE) with Solidarity Economy (SE) practices, highlighting the social actors involved and the territories where these actions are developed. Most practices are guided by a critical and emancipatory pedagogy, even in contexts marked by institutional and structural challenges. It is concluded that the articulation between EE and SE offers viable paths for more integrative educational practices, capable of promoting social inclusion, sustainability and community strengthening. However, the literature lacks broad systematizations and theoretical in-depth studies that explore this interface more consistently. This article contributes to highlighting the importance of understanding the subjects and territories involved in these practices as central elements in the construction of alternatives to the current development model.

**Key words:** Environmental education, Solidarity economy, Community practices, Self-management, Socio-environmental justice.

## 1. Introdução

As múltiplas crises que afetam a sociedade contemporânea – ecológica, social, econômica e ética – têm provocado reflexões profundas sobre os modelos de desenvolvimento vigentes e impulsionado a busca por alternativas que promovam justiça social e sustentabilidade. Nesse cenário, tanto a Educação Ambiental (EA) quanto a Economia Solidária (ES) se destacam como práticas contra hegemônicas, capazes de articular processos educativos e iniciativas econômicas baseadas na cooperação, na autogestão e na valorização dos saberes e experiências locais.

A Educação Ambiental (EA), especialmente em sua vertente crítica, propõe uma abordagem que vai além da sensibilização ecológica, promovendo a formação de sujeitos conscientes e ativos na transformação de suas realidades. A Economia Solidária (ES), por sua vez, se apresenta como uma proposta de organização econômica que rompe com os princípios da competitividade e da exploração, priorizando a solidariedade, a partilha e a construção coletiva de alternativas ao sistema capitalista tradicional. A convergência entre esses dois campos potencializa experiências pedagógicas voltadas à emancipação, à sustentabilidade e à reorganização das relações de trabalho e de produção da vida.

Apesar dessa afinidade conceitual e prática, a produção científica que trata da interface entre EA e ES ainda é dispersa e pouco sistematizada. Diante disso, propõe-se apresentar como

a literatura acadêmica tem articulado esses dois campos, buscando compreender de que forma essa relação tem sido construída nas práticas educativas voltadas a territórios e coletivos sociais específicos.

## 2. Referencial Teórico

### 2.1 Reflexões sobre Economia Solidária

A economia solidária tem se consolidado como um campo teórico e prático que desafia os fundamentos da economia capitalista convencional, propondo alternativas baseadas na cooperação, na autogestão e na valorização do trabalho coletivo. Suas raízes epistemológicas estão profundamente ligadas às tradições socialistas utópicas, ao pensamento marxista e a práticas comunitárias ancestrais de partilha e ajuda mútua. No entanto, é no contexto contemporâneo de crises econômicas e sociais, acentuadas pelas limitações do modelo neoliberal, que a economia solidária se afirma como uma proposta transformadora.

Gaiger (2006) analisa a economia solidária como uma forma de resistência ao modo de produção capitalista, destacando que ela não se resume a uma resposta pontual à exclusão social, mas representa uma forma alternativa de produzir, distribuir e consumir bens e serviços. Para o autor, as práticas solidárias expressam uma racionalidade econômica distinta, fundada em valores como solidariedade, reciprocidade e equidade, o que implica a construção de um hábito coletivo contrário à lógica do lucro e da acumulação.

A perspectiva de Faria (2017) enfatiza a necessidade de rigor conceitual ao abordar a economia solidária, com uma proposição de compreendê-la como expressão da autogestão e da organização coletivista do trabalho, afastando-se de visões reducionistas que a aproximam do empreendedorismo de base. Ainda conforme o autor, a economia solidária só pode ser compreendida plenamente quando situada na crítica ao trabalho alienado e à mercantilização das relações sociais, o que exige um olhar ontológico sobre a práxis dos sujeitos envolvidos.

A economia solidária apresenta-se como um ato pedagógico e político que deve formar sujeitos conscientes de sua capacidade de auto-organização e intervenção na realidade, sendo, portanto, uma pedagogia da emancipação. Seu papel educativo vai além da inclusão econômica, promovendo a formação cidadã e o fortalecimento dos vínculos comunitários (Singer, 2005).

Gaiger, embora reconheça a importância da dimensão educativa destacada por Singer, oferece uma perspectiva distinta sobre o papel da economia solidária. Em seu texto "A

Economia Solidária diante do Modo de Produção Capitalista", Gaiger argumenta que não se deve tratar a economia solidária como um novo modo de produção alternativo ao capitalismo, mas sim como um fator de produção inserido e tensionado pelas estruturas capitalistas. Ele sugere que a economia solidária não rompe necessariamente com o sistema dominante, mas opera dentro dele, constituindo experiências que revelam outras formas de produzir e organizar o trabalho, ainda que sem se constituírem como um sistema econômico autônomo ou hegemônico.

Essa visão reforça o caráter contraditório e híbrido das práticas solidárias, que coexistem com formas tradicionais de exploração e, ao mesmo tempo, abrem espaço para novas possibilidades sociais e econômicas.

Silva (2018) contribui ao delinear o campo da pesquisa em economia solidária no Brasil, destacando a diversidade de abordagens metodológicas e dimensões analíticas. O autor aponta para a multiplicidade de interpretações, que vão desde enfoques pragmáticos e institucionais até análises críticas orientadas por teorias sociais radicais. Essa diversidade revela o dinamismo do campo, mas também evidencia a necessidade de maior articulação entre teoria e prática, sobretudo diante dos desafios impostos pelas políticas públicas e pelo contexto socioeconômico.

Por outro lado, Brancaloneo (2020) apresenta uma crítica contundente à economia solidária, questionando sua capacidade de efetivamente romper com a lógica capitalista. Para o autor, muitas experiências rotuladas como solidárias reproduzem formas de exploração do trabalho, ainda que sob uma estética de autogestão. A crítica de Brancaloneo alerta para os riscos da institucionalização da economia solidária como instrumento de regulação da pobreza, desviando-a de seu potencial transformador.

Em síntese, a economia solidária constitui um campo heterogêneo de práticas e reflexões, que oscila entre a resistência política e a adaptação institucional. Sua complexidade exige abordagens que articulem crítica teórica, rigor conceitual e sensibilidade empírica, reconhecendo tanto seu potencial transformador quanto seus limites concretos. A análise de sua epistemologia, origens filosóficas e debates contemporâneos revela um campo em disputa, cujas práticas sociais continuam a interpelar os modelos hegemônicos de produção e reprodução da vida.

## 2.2 Aspectos sobre Educação Ambiental

A Educação Ambiental (EA) consolidou-se como um campo de saber e prática que transborda os limites da pedagogia tradicional e se projeta como instrumento político, social e epistemológico no enfrentamento das crises ambientais e sociais contemporâneas. Suas raízes estão ligadas à crítica aos modelos desenvolvimentistas e ao reconhecimento da necessidade de uma transformação profunda das relações entre sociedade e natureza.

Nesse sentido, a EA deixa de ser apenas uma estratégia de sensibilização ambiental e se configura como campo plural, dialético e disputado, conforme demonstram diferentes correntes e autores.

Segundo Sorrentino, et al., (2005), a educação ambiental deve ser concebida como política pública estruturante, incorporada de forma transversal nas diferentes esferas do Estado e essa institucionalização da EA não significa sua domesticação, mas sim o reconhecimento de sua centralidade nas estratégias de desenvolvimento sustentável. Essa perspectiva valoriza o planejamento participativo, o diálogo entre saberes e a formação de sujeitos políticos capazes de intervir nos processos de decisão que afetam seus territórios.

A partir do trabalho de Sorrentino (2020) sobre EA em unidades de conservação, observa-se que esse campo ganha contornos ainda mais complexos quando inserido em contextos de conflito socioambiental. Nesse contexto, a EA se apresenta como mediação entre conhecimento técnico-científico e os saberes tradicionais, promovendo processos de coaprendizagem e fortalecimento da cidadania ecológica.

Reigota (2010) contribui significativamente para a compreensão da EA como campo científico em emergência e em disputa. Em seus estudos, enfatiza que a EA não é neutra nem homogênea, sendo permeada por diferentes discursos sobre a natureza. Ele alerta para o risco de naturalização de certos discursos ambientalistas que, ao invés de questionar, reforçam visões hegemônicas sobre o meio ambiente. Assim, a EA crítica assume o papel de desnaturalizar conceitos e abrir espaço para uma leitura mais complexa, cultural e política das questões ambientais.

A perspectiva crítica é aprofundada por autores como Loureiro, Layrargues e Lima, que articulam a EA à ecologia política, à justiça ambiental e à luta por sociedades sustentáveis. Para Loureiro e Layrargues (2013), a EA deve ser entendida como instrumento de enfrentamento

das desigualdades socioambientais e de resistência às práticas hegemônicas que aprofundam a crise ambiental. Eles defendem uma aliança contra-hegemônica entre educação, movimentos sociais e saberes insurgentes, capaz de formar sujeitos históricos conscientes de seu papel na transformação social.

No mesmo sentido, Lima (2009) argumenta que a EA crítica parte do socioambientalismo, mas avança na construção de uma nova racionalidade ecológica, que desafia os fundamentos da sociedade capitalista contemporânea. Essa educação não busca apenas adaptar sujeitos a contextos degradados, mas sim formar cidadãos ecológicos capazes de atuar na transição para sociedades sustentáveis.

Loureiro (2005), por sua vez, ao abordar a complexidade e a dialética na EA, ressalta a necessidade de uma práxis política e emancipatória. A EA, segundo o autor, deve ser um processo educativo que considera as contradições sociais, promovendo a leitura crítica do mundo e a ação transformadora. A dialética entre teoria e prática, entre singular e estrutural, constitui o cerne dessa abordagem que visa à emancipação dos sujeitos frente às injustiças socioambientais.

Dessa forma, a EA se revela como campo teórico e político em constante disputa, no qual se confrontam perspectivas conservadoras, reformistas e críticas. A compreensão de sua pluralidade exige o reconhecimento das diferentes correntes de pensamento, suas epistemologias e práticas. O desafio contemporâneo é fortalecer uma EA que não apenas informe, mas forme sujeitos capazes de intervir de forma crítica e solidária na construção de um mundo mais justo e sustentável.

A aproximação entre a Educação Ambiental (EA) e a Economia Solidária (ES) revela um fértil campo de articulação entre saberes, práticas e valores que desafiam as lógicas hegemônicas de produção, consumo e sociabilidade. Embora constituam campos distintos em termos de origem e atuação, ambos compartilham princípios éticos e políticos que convergem para a construção de uma sociedade mais justa, sustentável e emancipada.

A EA crítica, ao propor a formação de sujeitos capazes de compreender e intervir nas contradições socioambientais, assume postura política diante das desigualdades geradas pelo modelo de desenvolvimento capitalista. Ela não se limita à transmissão de conhecimentos sobre o meio ambiente, mas busca promover a consciência ecológica como dimensão da cidadania e da justiça social. Da mesma forma, a ES emerge como resposta à precarização do trabalho e à

exclusão econômica, propondo formas organizativas baseadas na autogestão, cooperação, solidariedade e reciprocidade.

### 3. Metodologia

Este trabalho caracteriza-se como uma investigação documental qualitativa, em caráter bibliográfico e exploratório.

A coleta de dados foi realizada entre abril e maio de 2025 no portal de dados científicos da CAPES, um dos maiores acervos científicos virtuais do país, que reúne e disponibiliza conteúdos produzidos nacionalmente e outros assinados com editoras internacionais a instituições de ensino e pesquisa no Brasil.

O interstício de tempo assim como o idioma não foi limitado visando uma maior gama de resultados e amplificação da discussão, e determinou-se os seguintes termos de busca: “educação ambiental”; “economia solidária”; “economia popular”; e “economia participativa”, com o operador booleano “AND”. A configuração de busca na base de dados pode ser vista a seguir, no Quadro 1.

Quadro 1 Configuração e descrição para busca no portal de periódicos sobre EA e EC.

Configuração	Descrição
I	("educação ambiental") AND ("economia solidária")
II	("educação ambiental") AND ("economia popular")
III	("educação ambiental") AND ("economia participativa")

Fonte: Autores.

Ao operar a configuração “I” foram obtidos 19 resultados, envolvendo todos os índices de busca, como título, palavras-chave, resumo etc. Para a configuração “II” foi obtido apenas um resultado com a seleção em todos os índices, esse já contido na configuração I.

Por fim, na configuração “III” ao aplicar todos os índices não foram encontrados resultados para a busca. Ressalta-se que, para o filtro idioma não foi limitado a língua portuguesa, deixando-se aberto a seleção todos os idiomas.

Assim, ao finalizar o processo inicial de triagem obtivemos 19 artigos, os quais foram submetidos a leitura flutuante dos títulos, resumos dos trabalhos, seguido pelas palavras-chave e pôr fim a metodologia da pesquisa, em busca de referências a conceitos, práticas e experiências relacionadas aos termos de pesquisa. Essa catalogação a partir do processo de sistematização dos artigos permitiu a construção de uma unidade teórica que dialoga com os autores.

Considerando o enfoque na relação entre economia solidária e educação ambiental, bem como nos sujeitos e locais de realização das práticas pedagógicas oriundas dessa interação, obteve-se um universo de 19 trabalhos, no entanto, ao proceder a leitura flutuante de título, resumo, objetivos e metodologia, esse universo foi reduzido para 15 trabalhos.

A distribuição dessas pesquisas conforme periódicos e áreas do conhecimento está em: 20% (Educação ambiental), 20% (Interdisciplinar), 13,33% (Multidisciplinar) e com 46,67% (Educação, Desenvolvimento, Processos de democratização, Desenvolvimento e sustentabilidade, Psicologia, Gestão e Engenharia de produção).

Em relação aos anos de publicação desses trabalhos, sua distribuição compreendeu desde 2012 a 2024, cuja maior concentração deles deu-se nos anos de 2017 (20%) e 2022 (20%). As informações obtidas a partir dos 15 artigos selecionados são apresentadas no Quadro 2.

Quadro 2. Informações dos artigos do Portal de Periódicos CAPES com o tema educação ambiental relacionada a economia solidária, no período de abril a maio de 2025.

Título	Autores	Palavras-chave	Temática central
A Educação Ambiental numa perspectiva transdisciplinar: uma articulação entre a Educação Superior e a Educação Básica	(Aires; Suanno, 2017)	Educação Ambiental, Projetos Transdisciplinares, Complexidade	Educação ambiental e projetos transdisciplinares
Perspectivas da Economia Solidária e da educação ambiental como praxis pedagógica no programa Pescando Letras	(Araújo, 2012)	Pesca artesanal, Educação ambiental, Economia solidária	Práticas da educação ambiental e da economia solidária em ações de alfabetização de jovens e adultos
Unidades de Conservação como estratégia de gestão ambiental no bioma Caatinga: o Parque Nacional	(Araújo; Melo; Silva, 2022)	Unidades de conservação, Sustentabilidade, Educação ambiental	Estratégias de conservação e educação ambiental desenvolvidas em unidade de conservação

Título	Autores	Palavras-chave	Temática central
da Furna Feia, Rio Grande do Norte – Brasil			
Confluência entre economia solidária, coleta seletiva solidária e educação ambiental solidária	(Flamini; Zanin; Printes, 2022)	Coleta seletiva solidária, Economia solidária, Educação ambiental	Coleta seletiva solidária e Educação ambiental
Economia solidária no desenvolvimento: perspectivas a partir da importância da reciclagem de resíduos sólidos	(Ghidorsi; Mueller; Allebrandt; Ribas, 2021)	Economia Solidária, Resíduos Sólidos, Desenvolvimento, Planejamento Urbano e Regional.	Economia solidária e coleta e tratamento de resíduos sólidos
Tecnologias Sociais e Sustentabilidade na Periferia: Análise do projeto “Cultura Sustentável” no bairro Alto da Penha em Crato/CE	(Lima; Saraiva; Chagas; Bezerra, 2023)	Economia Solidária, Gestão Social, Moeda Social, Sustentabilidade	Utilização de tecnologias sociais em comunidade urbana periférica
Catadores de recicláveis reciclam processos organizativos, (re)significam o trabalho e constroem uma nova história	(Martins; Silva, 2017)	Economia Popular Solidária, Catadores de Recicláveis, Projeto Novo Ciclo, Participação e Cidadania	Economia solidária e coleta e tratamento de resíduos sólidos
Economia solidária e moeda social: relato de experiência da criação do Movimento Moeda Verde, Igarapé-Açu (Pará)	(Mello; Magalhães; Lima, 2022)	Economia solidária, Movimento Popular, Moeda Social, Reciprocidade, Igarapé-Açu	Educação ambiental e Economia solidária
Política nacional de resíduos sólidos e economia solidária: desafios da inclusão socioeconômica produtiva de catadores	(Melo; Sguarezzi; Melo, 2024)	Coleta Seletiva, Reciclagem, Cooperativa de Catadores, Empreendimentos Econômicos Solidários (EES), Inclusão Social	Política Nacional de Resíduos Sólidos e Economia Solidária
Inserindo o conceito lixo zero e a economia sustentável em escolas públicas de Florianópolis	(Mendonça; Schmitz; Andrade, 2018)	Educação Ambiental, Pedagogia, Meio Ambiente	Educação ambiental e Economia circular e solidária

Título	Autores	Palavras-chave	Temática central
A Educação Ambiental Crítica presente no trabalho do Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico da Universidade Federal do Rio Grande (NUDESE-FURG)	(Nobre; Anello, 2017)	NUDESE-FURG, Economia Popular Solidária, Educação Ambiental Crítica	Educação ambiental crítica e Economia solidária
Cultivando conhecimento: as hortas pedagógicas como instrumento de ensino e aprendizagem na educação do campo	(Silva; Rossetto, 2024)	Educação, Horta pedagógica, Agroecologia, Saberes do campo	Educação ambiental, Educação no campo e Agroecologia
Agroecologia, economia solidária e educação ambiental crítica como ferramentas de justiça ambiental	(Tostes; Moysés; Almeida; Penha; Lopes; Borba, 2023)	Agroecologia. Economia Solidária. Justiça ambiental. Educação Ambiental Crítica	Agroecologia e Economia solidária em projeto político pedagógico
O Trabalho Associativo em Empreendimento de Economia Solidária e o papel da Educação Ambiental Crítica, Emancipatória e Transformadora	(Umpierre; Pecke; Anello, 2018)	Educação Ambiental, Economia Solidária, Reciclagem, Catadoras e Catadores	Economia solidária e Educação Ambiental com catadores e catadoras
A Economia Solidária como um princípio de organização do trabalho: formação e assessoria técnica para catadores de material reciclável	(Zambelo, 2015)	Autogestão, Cooperativas, Cooperado, Economia Solidária, Material Reciclável	Economia solidária e Autogestão em cooperativas de material reciclável

Ao compilar as palavras-chave em uma nuvem de palavras foi possível identificar uma maior frequência nos termos Educação Ambiental e Economia Solidária, termos principais dessa busca, no entanto outros termos também tiveram maior relevância, como: Catadores, Agroecologia, Reciclagem, Coleta Seletiva e Moeda Social, como apresentado na Figura 1.



A crescente conscientização sobre a importância da sustentabilidade e da preservação ambiental tem levado à inclusão de grupos sociais, como os catadores de resíduos sólidos, em práticas e estudos de educação ambiental crítica. Essa abordagem não apenas promove a conscientização sobre a gestão de resíduos e a reciclagem, mas também questiona as estruturas sociais e econômicas que perpetuam a desigualdade e a degradação ambiental.

Além disso, a economia solidária, que valoriza a cooperação e a justiça social, oferece um modelo alternativo que pode ser integrado às práticas dos catadores, fortalecendo suas redes de apoio e melhorando suas condições de trabalho. Dessa forma, a educação ambiental crítica e a economia solidária se complementam, promovendo uma transformação social que valoriza o trabalho dos catadores e contribui para uma sociedade mais justa e sustentável.

Conforme Flamini; Zanin; Printes, (2022), a educação ambiental e a economia solidária possuem aspectos confluentes, esses são: diálogo, coletividade, emancipação, participação, protagonismo, (trans)formação socioambiental, cultural e política.

A temática relacionada a tecnologia social de moeda social foi apresentada em dois artigos, de Lima et al., (2023) e Mello; Magalhães; Lima, (2022), nos municípios de Crato, no Ceará e Igarapé-Açu no Pará, respectivamente. As moedas sociais são a denominação que se dá às formas monetárias alternativas, não oficiais, em geral ligadas às experiências de economia solidária. Encontra-se moeda social em bancos comunitários, clubes de troca e algumas feiras de economia solidária (Beatriz et al., 2016).

Ambas as práticas consistiam em avaliar projetos onde era possível trocar material reciclável por uma moeda de circulação local, para aquisição de alimentos, artesanato e produtos comercializados nos empreendimentos cadastrados nos projetos e configuram-se como iniciativas populares sem a presença do poder público.

Outras temáticas relevantes foram as desenvolvidas em espaços escolares, seja na discussão de projetos pedagógicos, alfabetização de jovens e adultos e integração entre ensino superior e básico, como visto nos trabalhos de Araújo, (2012); Aires; Suanno, (2017); Mendonça; Schmitz; Andrade, (2018). Assim como a agroecologia observada nos artigos de Silva; Rossetto, (2024) e Tostes et al., (2023), com ações realizadas em escola do campo e escola urbana.

Acredita-se, pois, que a EA se constitui como um fio condutor de educação integral capaz de oferecer respostas aos desafios éticos, políticos e socioculturais tão urgentes e necessários ao mundo em que vivemos (Aires; Suanno, 2017).

O desenvolvimento de práticas educativas se caracteriza como um instrumento de ensino e aprendizagem em todas as áreas do conhecimento, contribuindo significativamente para o processo formativo de crianças, adolescentes e adultos. No entanto, é essencial que as instituições de ensino promovam cidadãos pensantes e críticos em relação aos seus direitos e deveres. Essas instituições devem atuar como locais de emancipação do conhecimento e fomentação das trocas de saberes e fazeres, indo além das matrizes pedagógicas clássicas.

## 5. Considerações Finais

A partir da revisão de literatura realizada, foi possível identificar experiências que articulam, em diferentes níveis, os princípios da Educação Ambiental (EA) e da Economia Solidária (ES), evidenciando práticas desenvolvidas tanto em espaços formais quanto não formais de educação, com destaque para escolas, cooperativas, associações e projetos comunitários. Os 15 trabalhos analisados demonstram que essa articulação tem sido frequentemente explorada em iniciativas que envolvem catadores de recicláveis, práticas de agroecologia, moedas sociais e projetos pedagógicos em territórios urbanos e rurais.

Observa-se que os sujeitos envolvidos nas práticas mapeadas são majoritariamente coletivos sociais vulnerabilizados, como cooperativas de catadores, movimentos populares e comunidades escolares, os quais se apropriam das propostas de EA e ES como ferramentas de emancipação, autogestão e justiça socioambiental. Os territórios, por sua vez, variam entre espaços urbanos periféricos e escolas do campo, revelando uma diversidade de contextos em que essas práticas se concretizam.

A análise reforça que a confluência entre EA e ES não é apenas possível, mas desejável, especialmente quando orientada por uma pedagogia crítica e transformadora. Essa aproximação promove o reconhecimento dos saberes locais, o fortalecimento das redes comunitárias e a construção de alternativas econômicas mais justas e sustentáveis. No entanto, também se evidencia a necessidade de ampliação do debate acadêmico sobre essa interface, ainda pouco explorada de forma sistemática na literatura científica.

Dessa forma, este estudo contribui para consolidar um campo de pesquisa que compreende a EA e a ES como dimensões complementares de processos educativos e econômicos voltados à transformação social, destacando a importância de valorizar os sujeitos e os territórios onde essas experiências emergem.



## 6. Referências Bibliográficas

AIRES, B. F.; SUANNO, J. H. A Educação Ambiental numa perspectiva transdisciplinar: uma articulação entre a Educação Superior e a Educação Básica. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, RS, v. 34, n. 2, p. 42–56, 2 set. 2017. DOI [10.14295/remea.v34i2.6822](https://doi.org/10.14295/remea.v34i2.6822). Disponível em:

<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/6822>. Acesso em: 7 maio 2025.

ARAÚJO, S. C. D. Perspectivas da economia solidária e da educação ambiental como práxis pedagógica no programa pescando letras. **Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa**, São Paulo, SP, v. 6, n. 11, p. 9–27, 1 fev. 2012. DOI [10.11606/issn.1980-7686.v6i11p9-27](https://doi.org/10.11606/issn.1980-7686.v6i11p9-27). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/reaa/article/view/11589>. Acesso em: 7 maio 2025.

ARAÚJO, D. E. P.; MELO, E. R. D. S.; DA SILVA, M. R. F. Unidades de Conservação como estratégia de gestão ambiental no bioma Caatinga: o Parque Nacional da Fumaça, Rio Grande do Norte - Brasil. **Brazilian Journal of Development**, São José dos Pinhais, PR, p. 59923–59939, 30 ago. 2022. DOI [10.34117/bjdv8n8-327](https://doi.org/10.34117/bjdv8n8-327). Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/51589>. Acesso em: 7 maio 2025.

BEATRIZ, M. Z.; OLIVEIRA, J. A.; MARCHI, L.; BUENO, G.; CARNEIRO, G. Moeda Social: Possibilidades e Limites – Reflexões a partir da Implantação do Ecobanco em uma Feira de Economia Solidária. São Leopoldo/RS, **Revista Latinoamericana de Economía Social y Solidaria Otra Economía**, vol. 10, n. 19, jul./dez., 2016, p. 198-207. Disponível em: <<https://revistas.unisinos.br/index.php/otraeconomia/article/view/otra.2016.1019.06>>. Acesso em 10 mai. 2025.

BRANCALEONE, C. Auto-organização social no mundo do trabalho e produção: notas para uma crítica à economia solidária. **Revista de Sociologia Política**, v. 19, n. 45, p. 301-336, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/59842>. Acesso em: 13 maio. 2025.

FARIA, J. H. de. Autogestão, economia solidária e organização coletivista de produção associada: em direção ao rigor conceitual. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, RJ, v. 15, n. 3, p. 629–650, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/cadernosebape/article/view/57778>. Acesso em: 13 maio. 2025.

FLAMINI, S. H.; ZANIN, M.; PRINTES, L. B. Confluência entre economia solidária, coleta seletiva solidária e educação ambiental solidária. **ORG & DEMO**, Marília, SP, v. 23, n. 1, p. 53–68, 11 out. 2022. DOI [10.36311/1519-0110.2022.v23n1.p53-68](https://doi.org/10.36311/1519-0110.2022.v23n1.p53-68). Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/orgdemo/article/view/13059>. Acesso em: 7 maio 2025.

GAIGER, L. I. A economia solidária diante do modo de produção capitalista. **Caderno CRH**, Salvador, BA, v. 16, n. 39, 2006. DOI: 10.9771/crh.v16i39.18642. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18642>. Acesso em: 13 maio. 2025.

LIMA, G. F. C. Educação ambiental crítica: do socioambientalismo às sociedades sustentáveis. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 1, 2009.

LIMA, M. L. C.; DE ALBUQUERQUE, E. M.; RAMOS, A. V. M. Turismo rural de base comunitária e incentivo à Economia Solidária em Cachoeira de Minas e Riacho da Cachoeira, Paraíba. **Revista Práxis: saberes da extensão**, João Pessoa, PB, v. 7, n. 15, p. 90, 29 jul. 2019. DOI [10.18265/2318-23692019v7n15p90-97](https://doi.org/10.18265/2318-23692019v7n15p90-97). Disponível em: <https://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/praxis/article/view/3067>. Acesso em: 7 maio 2025.

LIMA, M. E. O.; SARAIVA, P. M.; CHAGAS, D. Q. L.; BEZERRA, M. I. D. S. Tecnologias Sociais e Sustentabilidade na Periferia: Análise do projeto “Cultura Sustentável” no bairro Alto da Penha em Crato/CE. **ID on line. Revista de psicologia**, Jaboatão dos Guararapes, PE, v. 17, n. 65, p. 74–89, 28 fev. 2023. DOI [10.14295/idonline.v17i65.3689](https://doi.org/10.14295/idonline.v17i65.3689). Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3689>. Acesso em: 7 maio 2025.

LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P. Ecologia política, justiça e educação ambiental crítica: perspectivas de aliança contra-hegemônica. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 53–71, abr. 2013. DOI [10.1590/S1981-77462013000100004](https://doi.org/10.1590/S1981-77462013000100004). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-77462013000100004&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462013000100004&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 26 jan. 2025.

LOUREIRO, C. F. B. Complexidade e dialética: contribuições à práxis política e emancipatória em educação ambiental. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1473-1494. 2005.

MARTINS, R. S.; SILVA, C. M. Catadores de recicláveis reciclam processos organizativos, (re)significam o trabalho e constroem uma nova história. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, Grajaú, MA, v. 4, n. 13, p. 152, 23 abr. 2018. DOI [10.18764/2446-6549.v4n13p152-168](https://doi.org/10.18764/2446-6549.v4n13p152-168). Disponível em:

<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/6274>. Acesso em: 7 maio 2025.

MELLO, M. N. C.; MAGALHÃES, C. D. S. F.; LIMA, A. A. Economia solidária e moeda social: relato de experiência da criação do Movimento Moeda Verde, Igarapé-Açu (Pará). **Novos Cadernos NAEA**, Belém, PA, v. 25, n. 1, 27 abr. 2022. DOI [10.18542/ncn.v25i1.9505](https://doi.org/10.18542/ncn.v25i1.9505). Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/9505>. Acesso em: 7 maio 2025.

MELO, S. A. B. X. D.; SGUAREZI, S. B.; MELO, A. X. D. Política nacional de resíduos sólidos e economia solidária: desafios da inclusão socioeconômica produtiva de catadores. **Caderno Pedagógico**, Curitiba, PR, v. 21, n. 5, p. e4076, 2 maio 2024. DOI [10.54033/cadpedv21n5-007](https://doi.org/10.54033/cadpedv21n5-007). Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/4076>. Acesso em: 7 maio 2025.

NOBRE, L.; ANELLO, L. F. S. A Educação Ambiental Crítica presente no trabalho do Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico da Universidade Federal do Rio Grande (NUDESE-FURG). **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, RS, p. 180–196, 1 jun. 2017. DOI [10.14295/remea.v0i0.6900](https://doi.org/10.14295/remea.v0i0.6900). Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/6900>. Acesso em: 7 maio 2025.

REIGOTA, M. A Educação Ambiental frente aos desafios apresentados pelos discursos contemporâneos sobre a natureza. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 539–570, ago. 2010. DOI [10.1590/S1517-97022010000200008](https://doi.org/10.1590/S1517-97022010000200008). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022010000200008&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022010000200008&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 26 jan. 2025.

SILVA, S. P. O Campo de Pesquisa da Economia Solidária no Brasil: abordagens metodológicas e dimensões analíticas. **Texto para Discussão**, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA. 2018. Disponível em: [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8255/1/TD\\_2361.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8255/1/TD_2361.pdf). Acesso em: 7 maio 2025.

SILVA, J. C. M. D.; ROSSETTO, O. C. Cultivando Conhecimento: As Hortas Pedagógicas como Instrumento de Ensino e Aprendizagem na Educação do Campo. **Revista Ensin@UFMS**, Três Lagoas, MS, v. 5, n. 9, p. 85–97, 31 dez. 2024. DOI [10.55028/revens.v5i9.21625](https://doi.org/10.55028/revens.v5i9.21625).

Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/anacptl/article/view/21625>. Acesso em: 7 maio 2025.

SINGER, P. A Economia Solidária como ato pedagógico. p. 13-20. In: **Economia solidária e educação de jovens e adultos** / Sonia M. Portella Kruppa, organização. – Brasília: Inep, 2005. 104p. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/temas-interdisciplinares/economia-solidaria-e-educacao-de-jovens-e-adultos>. Acesso em: 7 maio 2025.

SORRENTINO, M. Educação ambiental e unidades de conservação. In: SANSOLO, D. G. (org.). **Uso público em áreas protegidas: contribuições para gestão de unidades de conservação**. São Paulo: Editora UNESP, 2020. p. 53–70. DOI [10.7476/9786557140123.0004](https://doi.org/10.7476/9786557140123.0004). Disponível em: <https://books.scielo.org/id/2rxjb/pdf/sansolo-9786557140123-04.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2025.

SORRENTINO, M.; TRAJBER, R.; MENDONÇA, P.; FERRARO JUNIOR, L. A. Educação ambiental como política pública. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 285–299, ago. 2005. DOI [10.1590/S1517-97022005000200010](https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000200010). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022005000200010&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000200010&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 26 jan. 2025.

TEIXEIRA MENDONÇA, T.; DIETRICH SCHMITZ, M.; TSUTIYA ANDRADE, I. Inserindo o conceito lixo zero e a economia sustentável em escolas públicas de Florianópolis. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, Florianópolis, SC, v. 15, n. 29, p. 70–80, 24 ago. 2018. DOI [10.5007/1807-0221.2018v15n29p70](https://doi.org/10.5007/1807-0221.2018v15n29p70). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2018v15n29p70>. Acesso em: 7 maio 2025.

TOSTES, F.; MOYSÉS, Y. D. S.; DE ALMEIDA, N. C. A.; PENHA, M. G. C.; LOPES, B. D. S. G.; BORBA, A. M. Agroecologia, economia solidária e educação ambiental crítica como ferramentas de justiça ambiental. **Revista de Gestão e Secretariado**, São José dos Pinhais, PR, v. 14, n. 5, p. 8238–8249, 30 maio 2023. DOI [10.7769/gesec.v14i5.2208](https://doi.org/10.7769/gesec.v14i5.2208). Disponível em: <https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/2208>. Acesso em: 7 maio 2025.

ZAMBELO, E. A. A Economia Solidária como um princípio de organização do trabalho: formação e assessoria técnica para catadores de material reciclável. **Revista Gestão da**

Produção Operações e Sistemas, Bauru, SP, v. 10, n. 2, p. 101, 17 mar. 2015. DOI  
[10.15675/gepros.v10i2.1198](https://doi.org/10.15675/gepros.v10i2.1198). Disponível em:

<https://revista.feb.unesp.br/gepros/article/view/1198>. Acesso em: 7 maio 2025.

